



HISTÓRIA ORAL – UMA JANELA PARA A NARRATIVA DE WALTER BENJAMIM

Priscila de Lima Alonso*

Universidade Presbiteriana Mackenzie

prilonso@terra.com.br

RESUMO: Este trabalho pretende analisar de que forma a narrativa, segundo a reflexão benjaminiana, pode ser construída através da metodologia da história oral e do analisar da memória. Walter Benjamin escreveu que a narrativa era uma arte em extinção. Para ele, a extinção da narrativa tradicional estava associada ao declínio de uma tradição e de uma memória comuns, que sustentavam a existência de uma experiência coletiva, ligada ao tempo partilhado no trabalho e no cotidiano da vida. Ao analisar suas reflexões, inferimos que três elementos comuns à narrativa benjaminiana – seu sentido de abertura, a temporalidade e a experiência de vida – podem ser recuperados através das entrevistas advindas da metodologia da história oral, viabilizando a elaboração de uma nova narrativa.

PALAVRAS-CHAVES: Walter Benjamin; História oral; Narrativa; Memória; Experiência.

ORAL HISTORY - A WINDOW TO WALTER BENJAMIM'S NARRATIVE

ABSTRACT: This paper aims to analyze how narrative, according to Benjamin's reflection, can be constructed through the methodology of oral history and the analysis of memory. Walter Benjamin wrote that narrative was an endangered art. For him, the extinction of the traditional narrative was associated with the decline of a common tradition and memory, which supported the existence of a collective experience, linked to time shared in work and daily life. In analyzing his reflections, we infer that three elements common to Benjamin's narrative - his sense of openness, temporality and life experience - can be recovered through interviews from the methodology of oral history, enabling the elaboration of a new narrative.

KEYWORDS: Walter Benjamin; Oral History; Narrative; Memory; Experience.

* Doutoranda no programa “Educação, Arte e História da Cultura”, da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Bolsista Capes.

Imediatismo, aceleração do tempo e brevidade das relações são algumas das características do mundo contemporâneo que têm causado o empobrecimento das experiências e convivências humanas. São questões que nos fazem reflexivos e, muitas vezes, temerosos, neste alvorecer do século XXI.

Mas, se considerarmos bem, essas questões e inquietações não nos soam tão inéditas assim... Elas já estavam presentes nas reflexões de Walter Benjamin e nos escritos que ele deixou, nas primeiras décadas do século XX. Elas afetam a construção de uma narrativa e o levaram a afirmar: “a arte de narrar está em vias de extinção”. (BENJAMIN, 1987, p. 197)

Através de análise e sistematização bibliográfica e metodológica, este trabalho pretende investigar de que forma a arte narrativa, segundo a reflexão benjaminiana, pode ser recuperada e (re)construída na contemporaneidade, tendo como recurso principal a metodologia da História Oral, os processos de rememorar e de compartilhar experiências que dela advêm. Para tal, será necessário compreender o que Walter Benjamin considerava uma boa narrativa e porque ela estava se extinguindo. Posteriormente, os critérios de uma boa narrativa benjaminiana serão relacionados às concepções metodológicas da História Oral e às maneiras com as quais ela trabalha questões frequentemente levantadas nos processos de entrevistas: a memória e a experiência humana – elementos fundamentais para a elaboração de uma narrativa.

No terceiro decênio no século XX, Walter Benjamin escreveu que a narrativa era uma arte em extinção. Para ele, isso se devia, em grande parte, ao esfacelamento social e da vida comunitária promovido pelo capitalismo moderno, pela técnica frenética da divisão do trabalho, pela aceleração causada pelas tecnologias e processos produtivos. Ao acelerar o ritmo e ao dividir o trabalho, visando grande desenvolvimento e aumento de produtividade, perdia-se a oportunidade de partilhar experiências, perdia-se o tempo da vida em comunidade, perdia-se a dimensão artesanal e orgânica do trabalho. Com as novas formas produtivas, desaparecia o dom de ouvir e desaparecia também a comunidade dos ouvintes e dos narradores; afinal, contar histórias foi a arte de narrar, de ouvir e de contá-las de novo num ciclo sem fim. A narração se perde quando as histórias não são mais conservadas, quando as experiências não são compartilhadas e nem comunicadas. “Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. [...] Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as

histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las”, escreveu Benjamin. (BENJAMIN, 1987, p. 205)

Para Walter Benjamin, a narrativa era uma forma artesanal de comunicação e não estaria interessada em transmitir o fenômeno narrado “em si mesmo”, como uma informação ou um relatório. Aliás, a característica de relatar uma informação que pudesse ter uma verificação imediata, que pudesse ser compreensível em si e para si não era, segundo Benjamin, compatível com o espírito da narrativa. Esta, ao contrário, tinha boa parte de sua arte no fato de evitar explicações, de despertar interpretações, de promover reflexões, de assimilar-se à própria experiência e inclinar-se, assim, à possibilidade de ser recontada um dia. Afinal, cada narrativa se marcava com a marca do narrador; ela tem o dom de mergulhar o fenômeno narrado na vida do narrador para, em seguida, retirá-lo dele e passá-lo a outro, mas deixando os rastros e os vestígios do narrador, seja na qualidade de quem viveu ou de quem relatou. A arte de narrar era tecida no intercâmbio de experiências. A experiência (adquirida, vivida, trocada, acumulada) é a fonte dos narradores. E a experiência comunitária provê uma dimensão prática e utilitária para a narrativa. O narrador não apenas conta, mas transmite uma sabedoria, um conselho; conselho que é tecido na substância viva da existência. Assim, a arte de narrar também estaria em baixa porque a sabedoria (em aconselhar e em aplicar o conselho) está em extinção, decorrência da evolução secular das forças produtivas, da individualização, das experiências não comunicáveis. Não se tem tempo para ouvir, para contar, para partilhar. O homem moderno não se dedica àquilo que não pode ser abreviado. (BENJAMIN, 1987, p. 200 a 206)

Assim, a extinção da narrativa tradicional, como refletida por Walter Benjamin, está associada ao declínio de uma tradição e de um partilhar de memória comuns, que sustentavam a existência de uma experiência coletiva, ligada ao tempo partilhado no trabalho e no cotidiano da vida, onde prática, narrativa e linguagem estavam associadas.

Percebendo o avanço das mudanças e, ao mesmo tempo, inquieto e inconformado, Walter Benjamin não se resignou quanto à morte da narrativa. Crítico com relação aos novos tempos, ele lançou reflexões sobre a necessidade e possibilidade de se construir uma nova narrativa, fundamentada numa nova estética e inserida num mundo em transformação. Sua proposta foi a de lançar elucubrações esperançosas e inspiradoras. Muito disso ele não chegou a ver, pois com a ocupação nazista na

Holanda, Bélgica e França em maio de 1940, sua existência teve um trágico fim na tentativa de travessia clandestina da França para a Espanha, em setembro do mesmo ano. (KONDER, 1999, p. 107 e 108)

A narrativa tradicional de Walter Benjamin dificilmente poderá ser construída, à exatidão de suas palavras, no mundo contemporâneo. O próprio Benjamin já via essa impossibilidade no mundo moderno, marcado pelo capitalismo e pela divisão do trabalho. Por isso mesmo, Benjamin lançou reflexões que possibilitassem uma nova narrativa. Da leitura das obras de Benjamin, pode-se inferir que três elementos da narrativa tradicional são essenciais a uma boa narrativa e deveriam permanecer na busca constituinte de uma nova narrativa: seu sentido de abertura, sua relação com o tempo e a experiência de vida.

A abertura refere-se ao fato de a narrativa não ser algo acabado e definitivo. A abertura está relacionada ao movimento da vida e às mudanças que com ela vêm, às descobertas que com ela surgem e se refletem na narrativa. A abertura está relacionada ao movimento ilimitado da memória e à troca e comunicação de experiências: um relato chamando novos relatos, suscitando novos relatos e acrescentando novos aspectos aos relatos anteriores. Relatos que direcionam a reflexões e interpretações e não apresentam explicações definitivas, porque sabem e permitem que a história admita diversas interpretações e que, portanto, ela permanece aberta, disponível para uma continuação de vida que a leitura, a verbalização ou audiovisualização do relato renova. O sentido de abertura, segundo Benjamin, fazia com que o leitor ou ouvinte da narrativa fosse livre para interpretar e refletir sobre a coisa narrada, levando-a a atingir uma amplitude inexistente na informação. (BENJAMIN, 1987, p. 203)

A experiência de vida – pessoal, compartilhada, acumulada – é a fonte dos narradores. Para Benjamin, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. Ele incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.” (BENJAMIN, 1987, p. 201). A troca de experiências, a comunicação das experiências compartilhadas deve fomentar a narrativa. E era tarefa do narrador trabalhar a matéria-prima da experiência humana, transformando-a num produto sólido, útil e único. O narrador deveria recorrer ao acervo de toda uma vida para isso; não uma vida que incluísse apenas a sua própria experiência, mas em grande parte, a experiência alheia. Experiência que implica saber contar, mas também implica

saber ouvir, ser modificado pelo que se ouviu e modificar aquilo que se contará. (BENJAMIN, 1987, p. 221; KONDER, Leandro, 1999, p. 16).

A relação com o tempo também possui uma dinâmica de abertura e retomada. Para Benjamin, o narrador entende que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Considera que, para uma humanidade redimida, o passado pode ser citável em cada um dos seus momentos. Articular historicamente o passado está longe de conhecê-lo como ele realmente foi; significa apropriar-se de uma reminiscência que foi elaborada num determinado contexto e sob certas influências. É preciso estar atento à configuração em que sua própria época entrou em contato com a época anterior, aspecto que pode ser sempre revisitado e rememorado de diferentes maneiras. Não buscar o passado em si, mas a presença do passado no presente, ou este já prefigurado como passado. Afinal, o presente é uma transição e a maneira de elaborá-lo é sempre construtiva. E, na busca das semelhanças entre passado e presente, a memória transforma a ambos, numa relação dialética: transforma o passado porque este assume uma nova forma, e poderia ser esquecido caso não fosse revisitado; transforma o presente porque este se apresenta como sendo a realização possível do passado revisitado, fato que pode se perder se não o descobirmos na atualidade. (BENJAMIN, 1987, p. 223, 224, 232; GAGNEBIN, 1987, p. 15, 16)

O sentido de abertura, a relação com o tempo e a experiência de vida estão articulados com a memória. Esses são alguns dos pressupostos que a história oral, enquanto metodologia, utilizará para construir narrativas a partir de fontes orais e de processos de rememoração feitos nas entrevistas.

Na condição de metodologia, a história oral possui uma dimensão técnica e outra teórica. São muitas as suas possibilidades, alcances, aplicações e inter-relações com os diversos campos do saber. Na história oral, a reflexão teórico-metodológica e a pesquisa empírica estão indissociavelmente relacionadas: o objeto histórico é sempre resultado de elaboração (e reelaboração); e, num sentido de abertura, de relação temporal e de interpretação, a história é sempre construção. (AMADO e FERREIRA, 2006, p. VIII, IX e XI)

Na perspectiva da história oral, o testemunho oral é a parte central da investigação e seu uso sistemático possibilita esclarecer trajetórias individuais, movimentos sociais, lutas cotidianas ocultadas ou esquecidas, de grupos dominantes, menosprezados ou excluídos, eventos ou processos que dificilmente seriam

compreendidos de outra maneira. A história oral produz documentos (entrevistas) que são resultado do diálogo entre entrevistado e entrevistador, entre sujeito e objeto de estudo. Essa característica ímpar leva o pesquisador a buscar caminhos alternativos de interpretação e a afastar-se de propostas que se fundamentam em uma rígida separação entre objeto/sujeito de pesquisa. O objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por meio da memória dos informantes e as entrevistas são legitimadas como fontes. A forma de construção e organização do discurso é a narrativa; afinal, fontes orais são fontes narrativas, aspecto valorizado pelo historiador e pelo pesquisador oralista. (AMADO e FERREIRA, 2006, p. XIV e XV)

Tanto a instância da memória como a da fonte oral passam por reflexões históricas e acarretam desdobramentos teóricos e metodológicos importantes. Como metodologia, a história oral estabelece e ordena procedimentos de trabalho, tais como tipos e formas de entrevistas, possibilidades de transcrição de depoimentos e seus usos, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com os entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho. A história oral liga teoria e prática. Ela ordena procedimentos e suscita questões. Suas soluções, porém, estão na área teórica de saberes e disciplinas específicos e afins: teoria da história, teoria da filosofia, teoria da antropologia, teoria da sociologia. Essas teorias nos capacitam a pensar abstratamente sobre questões advindas da prática, a produzir conceitos que podem ser aplicados a situações análogas, a embasar e orientar o trabalho do pesquisador e a refletir sobre o conhecimento que foi gerado pela interdependência entre prática, metodologia e teoria. (AMADO e FERREIRA, 2006, p. XVI e XVII).

A confluência multidisciplinar é uma grande característica da história oral. O interesse na oralidade como fonte é outra. Ambos os aspectos colidiam com uma concepção historiográfica de herança positivista, baseada em fontes documentais e escritas e em análises quantitativas das mesmas. Até meados do século XX, a história acadêmica e científica, a história “oficial”, por assim dizer, era baseada quase que exclusivamente em documentos escritos. O que não fosse escrito não inspirava credibilidade. A documentação escrita era supostamente capaz de fornecer uma verdade comprovada e única. Além disso, transitar entre outros campos do saber era arriscado. Cada disciplina estava enclausurada em seus próprios métodos científicos e em seus próprios conceitos.

A partir de acalorados debates historiográficos ocorridos sobretudo a partir dos anos 1960, novas perspectivas historiográficas que se posicionavam contra o positivismo, contra a história dita “oficial” e contra o determinismo, foram tomando corpo e se avolumando. Além disso, foi postulado a possibilidade e a necessidade de uma colaboração interdisciplinar na pesquisa. Construções culturais, movimentos sociais, cotidiano, mentalidades e estudos identitários foram ganhando ênfase como motivo de pesquisa e, para tal, teorias de outras áreas disciplinares além da história foram sendo utilizadas (com grande destaque para a antropologia, também para a sociologia, psicologia e linguística). A história foi ampliada com novos métodos e técnicas de trabalho, assim como com temáticas, problemas de estudo e conceitos, tomados por empréstimo de outros saberes. (LOZANO, 2006, p. 18, 19).

Ao se identificar e consolidar como uma escola historiográfica de abordagem interdisciplinar, a escola dos Annales provocou um movimento duplo: ela não apenas tomou empréstimos de outras áreas do conhecimento, mas também expandiu teorias e conceitos da história para essas outras áreas. Como exemplo, tem-se a noção de duração, a relação entre memória e temporalidade e o próprio conceito de historicidade. Nesse intercâmbio, passou a ser possível pensar novas fontes para a história, além de documentos e fontes escritas já comumente utilizados, abrindo, assim, espaço para a oralidade e o retorno da narrativa. A oralidade passou a ser objeto de várias disciplinas e foi usada em muitas metodologias, como a história oral, que se consagrou. (VENSON e PEDRO, 2012, p. 131).

A partir da técnica da entrevista, a história oral se configurou, então, como metodologia propositora de um novo entendimento acerca da oralidade e da memória como fonte histórica. Ela também colocou em destaque o enfoque subjetivo do tempo e mostrou diversas possibilidades de uma obra aberta, inacabada. Afinal, uma análise das memórias implica considerar que elas são interpretações da experiência vivida, são datadas e podem ser historicizadas, o que nos lembra do sentido de abertura, de temporalidade e de experiência de Walter Benjamin. A história oral estabeleceu, assim, uma relação inédita entre o historiador/ pesquisador oralista e o sujeito histórico, demonstrando que o objeto histórico é sempre resultado de uma elaboração por parte do historiador, ou de uma elaboração colaborativa por parte do entrevistador e entrevistado – a história é construção. (ALBERTI, 2012, p. 164; VENSON e PEDRO, 2012, p. 132)

Embora seja uma construção aberta, influenciada por temporalidades, a história oral ainda mantém rigor e validade. Ela compartilha do método histórico em suas diversas etapas e fases de pesquisa. Apresenta uma problemática, insere-a num projeto de pesquisa, desenvolve os procedimentos heurísticos adequados à constituição das fontes orais que se propõem produzir, analisa criticamente essas fontes e as interpreta para obter conhecimentos históricos, sociais e antropológicos. Particularmente, a história oral centra sua análise naquilo que a oralidade possibilita: visões, memórias, narrativas que emanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais. A consideração do âmbito subjetivo da experiência humana é a parte central desse método de pesquisa e amplia, socialmente falando, a categoria de produção dos conhecimentos históricos (LOZANO, 2006, p. 16, 17, 24). E a narrativa é a forma de organização e construção do discurso.

Cabe salientar aqui que, para muitos pesquisadores de história oral, o termo “narrativa” se aproxima do conceito de “narrativa” da teoria da literatura. A historiadora Verena Alberti, por exemplo, se utiliza do conceito de narrativa elaborado por Luis Costa Lima, um dos principais teóricos da literatura do Brasil. Para ele, narrativa é o “estabelecimento de uma organização temporal, através de que o diverso, irregular e acidental entram em uma ordem; ordem que não é anterior ao ato da escrita mas coincidente com ela; que é pois construtiva de seu objeto” (LIMA, 1989, p. 17. Citado por ALBERTI, 2012, p. 163). Tendo isso como base, Verena exorta que existe uma intencionalidade por detrás da narrativa: quem fala (ou quem escreve), por quê, para quem, quando. A narrativa histórica necessita de um aparato documental. E a história oral deve valorizar o que a entrevista documenta: documenta como o entrevistado quer ser visto e o que ele quer falar para nós; documenta a relação da entrevista que se estabelece entre os entrevistadores e os entrevistados e documenta a narrativa se constituindo. O espaço da entrevista propicia que o acidental, que o irregular e que as possibilidades entrem numa ordem, dada pelo entrevistado e pela ação do entrevistador. (ALBERTI, 2012, p. 163, 164).

Isso nos remete aos elementos de abertura, de temporalidade e de experiência existentes na narrativa de Walter Benjamin e nos ajuda a perceber que tais elementos estão presentes na narrativa em história oral.

Percebe-se a abertura no fato de a narrativa em história oral, como se dá com a narrativa para Walter Benjamin, também não ser uma obra acabada, fechada em si

mesma e nem analisável como tal. As fontes orais não nos possibilitam descobrir “o que realmente aconteceu”, conceito, aliás, abandonado pelas novas vertentes historiográficas. É necessário ter ciência de que existem razões, contextos e relações de poder que fazem os indivíduos construir suas memórias de uma forma determinada. É preciso admitir que o processo de relembrar é uma maneira de explorar significados subjetivos e objetivos da experiência humana e que isso pode ser variado. Devem-se considerar as pluralidades de versões do passado e os muitos níveis da memória individual, fornecidos por diferentes interlocutores no ato da entrevista. A memória é construída através de certas referências culturais; ela é historicizada, e sua análise implica considerar que as memórias são interpretações da experiência vivida, ou seja, a rememoração é um processo de criação e de refazer. Além disso, há que se ponderar que os modos de dizer, as distorções e lapsos de memória podem ser um recurso, mais do que um empecilho; que o silêncio, que aquilo que não foi dito, que a repetição desnecessária, que as associações e os devaneios são elementos que integram e estruturam o discurso e a narrativa. Todos esses aspectos deverão ser analisados e interpretados no contexto da narrativa. O próprio depoimento do entrevistado pode mudar ou a sua condição pode ser alterada, revelando ao entrevistador, ao historiador, novos elementos e aspectos até então não imaginados, acarretando a necessidade de um reexame das hipóteses preestabelecidas e um reelaborar.

A abertura se faz presente porque os contextos, as visões, as referências, as intencionalidades, as estratégias e os grupos sociais são múltiplos e revelarão ao historiador, antropólogo ou outro pesquisador oralista, múltiplos reais (e não o que aconteceu na realidade). Os depoimentos obtidos na entrevista possibilitarão novas narrativas e narrativas somadas às anteriores e narrativas chamando outras narrativas. Convidarão a novas interpretações e elaborações, construirão relações e experiências diferentes entre entrevistados e entrevistadores. Uma gama de infinitas possibilidades ao historiador, que se apropriará de narrativas, interpretá-las-á, deixará suas marcas nelas e construirá as suas próprias. Ou seja, uma construção aberta e inacabada, sempre passível de receber e criar mais; o espírito vivo da abertura benjaminiana.

A temporalidade também se faz presente. Para praticantes da história oral, a evidência oral é uma fonte muito importante para a construção da experiência humana no tempo e no espaço. O depoimento e as entrevistas também estão inseridos num tempo, e não há depoimento sem temporalidade.

A historiadora Verena Alberti salienta que a relação de entrevista, além de se constituir num todo, é sempre única, não havendo possibilidade de se repetir em outras circunstâncias. Mesmo que um entrevistado seja procurado por outros entrevistadores com objetivos semelhantes, ou mesmo que um entrevistador queira retomar um determinado assunto ou depoimento com um entrevistado, os resultados serão outros. Cada depoimento será único e necessita ser analisado em função das peculiaridades em que é produzido (o momento histórico e pessoal de realização da entrevista, os objetivos que o geraram e a relação que se estabeleceu entre as partes). Assim, sendo um todo que se desenvolve com uma lógica própria, determinada pelas pessoas que a produzem e pelo contexto em que é realizada, a entrevista de história oral adquire especificidade. (ALBERTI, 2013, p. 143)

Além disso, há uma relação dialética temporal entre passado e presente na história oral, onde um interfere no outro no outro e o modifica, sobretudo nas instâncias da memória. Como Walter Benjamin afirmava, nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. No entanto, articular o passado, num determinado contexto do presente, é apropriar-se de uma reminiscência elaborada. E a memória altera a ambos.

História oral é, por natureza, uma história do tempo presente. Mas, no presente, ao entrevistar indivíduos, ao ouvir suas experiências e histórias de vida, apropriamo-nos de reminiscências do passado, através da articulação da memória. Ora, a memória, no sentido bruto do termo, é a presença do passado. E, por isso, interessa aos historiadores do tempo presente, aos antropólogos e demais pesquisadores, já que tal presença do passado, sobretudo de impactantes acontecimentos (como guerras, ditaduras, revoluções), deixam consequências e marcas duradouras nos indivíduos, nas sociedades e nas estruturas políticas, ressoando nas preocupações científicas. No entanto, no sentido mais lapidado do termo, a memória é uma reconstrução intelectual e psíquica, que leva a uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é de um indivíduo separadamente, mas de um indivíduo, ou grupo de indivíduos inseridos num contexto familiar, social, nacional, temporal. Acontece, assim, que essa reconstrução do passado é feita no presente e condicionada a ele. Dessa forma, a memória é incontestavelmente algo da atualidade. Seu papel mais urgente é garantir a continuidade do tempo que sempre se transforma, resistindo às rupturas. Ela é um

elemento essencial da identidade, da percepção de si, dos outros e do mundo; é uma percepção que não é uniforme, nem fixa. (ROUSSO, 2006, p. 93 a 95)

Desse modo, um indivíduo que fala sobre seu passado, quer seja de modo espontâneo, quer seja de modo provocado (sendo interrogado por um historiador ou outro pesquisador oralista), não falará senão do presente, com a sensibilidade do momento, com o vocabulário atual, tendo em mente tudo quanto possa saber sobre o passado que ele pretende recuperar com veracidade e sinceridade. A narrativa que daí se constitui é legítima e indispensável para o historiador do tempo presente; ela é peculiar e possibilita ao historiador valer-se de uma fonte de informação sobre a vivência e a experiência de um indivíduo que não seria possível através de arquivos. (ROUSSO, 2006, p. 98)

A experiência também se faz presente na história oral. Ela é a fonte dos narradores e a matéria viva dos pesquisadores orais. A oralidade é vertida em tradições, recordações, depoimentos, memórias e esquecimentos, e é perpetuada nas narrativas, sejam elas orais, escritas ou audiovisuais. Aqui, a experiência ganha nova tônica. Ela não é apenas vivenciada, compartilhada ou narrada pelo entrevistado e recuperada pela memória, mas também tecida entre entrevistado e entrevistador, na dinâmica das entrevistas, possibilitando uma nova narrativa. Não é criada, necessariamente, numa vida comunitária, numa dimensão orgânica e compartilhada de trabalho, enquanto se tece ou se fia. Isso foi tirado de nós pela modernidade, e não nos foi devolvido pela contemporaneidade, na maioria das realidades. Mas é uma narrativa que provém de novas experiências e que é tecida no intercâmbio da relação entre entrevistados e entrevistadores.

As entrevistas estabelecem uma relação original entre os praticantes da história oral e os sujeitos da história; geram interações sobre as quais o entrevistador tem somente um domínio parcial e onde ele precisa lidar, muitas vezes, com a recusa em responder, por parte do entrevistado; com a necessidade de interromper a entrevista, pelo fato de as memórias evocadas comprometerem a paz individual ou coletiva; com o despertar de reações emocionais fortes (que o confronto com aspectos sensíveis e fragilizados da vida despertam); com a vontade, por parte do entrevistado, de participar ativamente da pesquisa, numa perspectiva libertadora de recuperação de sua própria história e identidade. Se bem articuladas, as entrevistas possibilitam uma história participativa, sempre aditiva e construtiva, onde o entrevistador não apenas é aquele que

conduz a um depoimento emancipador, como também faz com que esse depoimento não seja apenas individual, fechado em si mesmo ou um objeto classificável. Todos esses aspectos levam o historiador ou pesquisador oralista a indagar sobre as maneiras de se comunicar e de se relacionar com aqueles cujas histórias estão escrevendo, a refletir sobre a experiência humana compartilhada. Fazem com que a história oral tenha mais condições de contribuir para que se exprima o inexprimível e se libere o que está coibido. (FRANÇOIS, 2006, p. 9 a 12)

Se, para Benjamin, as experiências estavam se tornando incomunicáveis de tão isolados e centrados em si mesmos que os indivíduos eram, incomunicáveis pelo fato de os indivíduos isolados não saberem (ou não quererem) falar sobre aspectos dolorosos e difíceis da vida, não saberem ouvir, a metodologia da história oral e seus mecanismos de entrevista podem ser um meio de superação dessa constatação, um convite para se comunicar uma experiência indizível e impedir que se perca um acontecimento ou uma experiência única.

Esse processo pode ser gratificante para o entrevistador. Mas, dependendo da situação, pode ser perturbador ou prejudicial para o entrevistado. Cautela, sensibilidade, respeito e a preservação do bem-estar dos entrevistados acima dos interesses da pesquisa devem prevalecer. Para resolver esse impasse que se coloca e, ao mesmo tempo, ampliar a experiência, os projetos de pesquisas oralistas e de entrevistas podem assumir a tarefa de envolver as pessoas na exploração do significado de lembrar e no que fazer com as memórias para que elas sejam vivas e dinâmicas, e não objetos a serem colecionados, classificados e sistematizados. Isso pode ajudar os indivíduos a reconhecer e valorizar experiências que foram silenciadas e a enfrentar aspectos dolorosos e difíceis de suas vidas. As narrativas que daí surgirem podem contribuir para divulgar as experiências vividas por pessoas e grupos outrora excluídos e marginalizados em narrativas históricas anteriores. (THOMSON e FRISCH e HAMILTON, 2006, p. 70 a 72)

Trabalhar com experiências que não as suas e compreendê-las deve ser a essência mesma da experiência antropológica presente na história oral. Pelo fato de a linguagem colocar limites e barreiras à transposição de experiências como luto, dor, perda, ou até mesmo grande alegria, é improvável que qualquer experiência seja plenamente expressa. Mas, em muitas situações, em muitos projetos e entrevistas bem conduzidos e elaborados, compartilhados com os sujeitos históricos que o viveram, o

indizível pode ser dito. O esforço para contar aquilo que aparentemente não pode ser comunicado resulta em narrativas interpretáveis, constructos culturais de palavras e ideias. Luto, memória, perda e demais experiências inenarráveis, mas que devem ser contadas, passam a ser penetráveis quando os narradores são apoiados pelas estruturas mediadoras da linguagem, da narrativa, do ambiente social e político, num processo moldado e elaborado no tempo histórico. As narrativas resultantes – não o pesar ou alegria que elas descrevem, mas palavras, ideologias, valores pelas quais são representadas – devem ser entendidas criticamente visando a construção de uma narrativa histórica. (PORTELLI, 2006, p. 108 e 109)

Se os relatos orais sobre o passado, feitos no presente, que englobam a experiência humana subjetiva, já foram considerados uma limitação, hoje são reconhecidos como uma das principais virtudes da história oral: fatos levantados aqui e acolá nas histórias de vida e de grupos humanos dão ocasião para que se perceba como um modo de entender o passado é construído, processado e integrado à vida de um indivíduo. A experiência vertida em depoimento revela a história social, as complexidades da vida cotidiana, as contradições associadas às relações de poder; revela o próprio processo de elaboração das narrativas e os meios que tais formas narrativas empregam para influenciar e firmar a memória. Mas há que se lembrar que os depoimentos orais são formas culturais que organizam a percepção e revelam fatos culturalmente mediados, que precisam ser trabalhados. O que as pessoas dizem está ligado ao como dizem. (CRUIKSHANK, 2006, p. 156 e 157)

Experiência, abertura e temporalidade, portanto, são elementos da narrativa tradicional explanada por Walter Benjamin que estão presentes na narrativa construída a partir da metodologia da história oral, como se buscou demonstrar.

Se, para Benjamin, a narrativa se perde porque as histórias não são mais conservadas, porque as experiências não são mais compartilhadas e nem comunicadas, a história oral se coloca como uma possibilidade para recuperar relatos, compartilhar experiências, comunicar o inefável e, assim, construir novas narrativas. O compartilhar de experiências é múltiplo em história oral: entrevistados sendo convidados a narrar experiências vividas por si e por outros, entrevistados e entrevistadores tecendo uma nova experiência em torno de objetivos e interesses em comum, novas narrativas sendo forjadas desse intercâmbio e possibilitando que experiências outrora silenciadas,

incomunicadas ou marginalizadas recuperem força, sejam dizíveis, conhecidas e preservadas. A marca de cada narrador sendo colocada na narrativa.

Se, para Benjamin, a narrativa não se interessava pelo fenômeno narrado em si mesmo, tão pouco a história oral se interessa. Benjamin afirmava que um relato compreensível em si e para si era incompatível com o espírito da narrativa que, ao contrário, deveria promover reflexões e interpretações. Da mesma forma, para a história oral, os relatos em si são meros relatos. Ela não se interessa em simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos outros. Cada depoimento, cada fato narrado deve ser alvo de reflexão, análise e interpretação, as quais podem ser abertas e múltiplas. Assim, a nova narrativa, a narrativa histórica, surgirá como resultado de elaboração, de construção historicizada e permitirá que novas narrativas se somem a ela. Quando se vasculham as narrativas de outras pessoas em busca de “fatos”, corre-se o risco de não entender seus significados, suas representações. Os relatos são contados por pessoas cujos pontos de vista são diferentes e dependem do contexto, do grau de envolvimento, da posição social.

Para a narrativa de Benjamin, assim como para a narrativa em história oral, a oralidade espargida em memórias, discursos, conhecimentos e tradições produz conhecimento centrado na reflexão e na análise do que a oralidade possibilita: aquilo que vem do mais profundo da experiência dos atores sociais.

Se, para Benjamin, a narrativa tem um caráter de abertura, que não tem um fim definitivo porque possibilita muitas interpretações e reflexões, estando sempre disponível para a continuação que o relato revigora, atingindo uma amplitude ímpar, assim também o é para a história oral. Nesta metodologia, centrada na oralidade e nas experiências reveladas e tecidas na relação das entrevistas, as fontes orais não servem para saber o que “realmente aconteceu”. Os relatos orais são processos de lembrar e de explorar significados da experiência. Isso é um processo contínuo de criar e recriar. A condição dos sujeitos históricos muda, seu contexto muda, o depoimento muda e se transforma, revela novos elementos, e aponta para a necessidade de reexame e reelaboração.

Se a temporalidade, na narrativa de Walter Benjamin, mantinha uma relação dialética entre passado e presente, isso também ocorre para a história oral. Benjamin entendia que o passado narrado não era o que realmente aconteceu e sim uma reminiscência elaborada sob contexto e influência do presente; que era necessário

compreender a configuração segundo a qual sua própria época entrou em contato com a época anterior; que passado e presente se modificavam mutuamente e, assim, o presente deveria ser entendido como transição. Da mesma forma, a história oral concebe. Para ela, não há depoimento sem temporalidade. Há uma forte relação dialética entre passado e presente. Embora as narrativas possam tratar de acontecimentos e experiências passadas, elas são feitas no presente. A reconstrução do passado é feita no presente e condicionada a ele; a memória, embora do passado, é da atualidade (feita na atualidade, sentida na atualidade, verbalizada com palavras da atualidade). É o presente que será falado tentando recuperar o passado. E a tarefa da memória é garantir a continuidade do tempo e resistir às transformações que o mesmo provoca.

Por essas razões apresentadas, vislumbro a história oral como uma metodologia apropriada para produzir uma nova forma de narrativa que retoma, assim, os conceitos de abertura, temporalidade e experiência que Walter Benjamim propunha. É uma das muitas formas possíveis – afinal, nenhum trabalho pode ser fechado e definitivo. Uma forma de recuperar a arte narrativa que, pelo seu renovar e seu operar, evita que a mesma seja extinta. Uma nova narrativa de experiência de vida produzida no contexto de uma entrevista oral. Experiência revelada através da oralidade e da memória moldada pelo historiador, que não age mais como cientista apenas, “mas como artista, não hesitando em fazer, segundo a bela expressão de Pierre Vidal-Naquet, ‘uma história-memória, obra de pesquisa, obra de arte’, pois somente o artista pode exprimir, explicar e denunciar o inominável”. (JOUTARD, 2006, p. 60). Uma arte narrativa, como diria Walter Benjamin.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. **História Oral**, v. 15, n. 2, p. 159-166, jul.-dez. 2012.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora, FGV, 2013 (ebook).
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. RJ: Editora FVG, 2006.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas** – Magia e técnica, arte e política. 3. ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1987. 1 v.

- BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas** – Magia e técnica, arte e política. 3. ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1987. 1v.
- CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. RJ: Editora FVG, 2006.
- FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. RJ: Editora FVG, 2006.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Prefácio – Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas** – Magia e técnica, arte e política. 3. ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1987. p. 7-19. 1v.
- JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. RJ: Editora FVG, 2006.
- KONDER, Leandro. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. RJ: Editora FVG, 2006.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana: mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. RJ: Editora FVG, 2006.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. RJ: Editora FVG, 2006.
- THOMSON, Alistair; MICHAEL Frisch; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. RJ: Editora FVG, 2006.
- VENSON, Anamaria Marcon; PEDRO, Joana Maria. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. **História Oral**, v. 15, n. 2, p. 125-139, jul.-dez. 2012.

RECEBIDO EM: 15/07/2019

PARECER DADO EM: 25/11/2019